

## A EXPERIÊNCIA DE INÁCIO

### Da conversão à conversação

O que constitui o grande génio de Inácio de Loyola não é a experiência em si mesma, mas o facto de ter **observado** e **refletido** sobre ela, de ter detetado na sua própria experiência uma série de **constantes** e ter **derivado** delas um método exportável e universalizável, que outras pessoas podem aproveitar para viver uma experiência pessoal, equivalente, mas não igual, à de Inácio.

A grande história de Santo Inácio não é, portanto, a de fora, do exterior, mas a do interior de si mesmo. O seu principal contributo para a história da humanidade e da Igreja, não foi o que realizou pessoalmente nas suas atividades apostólicas e de governo, ou, inclusivamente, a fundação da Companhia de Jesus, mas a **descoberta do seu mundo interior** – esse continente inexplorado que é o coração de cada ser humano, onde acontece o mais importante de cada vida humana. O seu mérito principal está no facto de ter caído na conta, de ter tomado consciência, do que se passa nesse continente, dos efeitos que produz e pensar que o conhecimento obtido poderia ajudar outras pessoas. “Ele disse-me que os Exercícios não os tinha feito de uma só vez, mas **algumas coisas** que ele observava na sua alma e achava que eram úteis, parecia-lhe que também podiam ser úteis a outros, e assim as punha por escrito, por exemplo, o examinar a consciência com aquele método das linhas, etc. As eleições especialmente me disse que as tinha tirado daquela variedade de espíritos e pensamentos que tinha quando estava ainda em Loiola doente da perna.” (Auto, 99)

Estas palavras iluminam os três critérios que presidiram à redação do texto dos Exercícios Espirituais, redação que duraria cerca de vinte anos: a **observação** (não escreve nada que não tenha experimentado previamente em si mesmo); a **seleção** (“algumas coisas”, o que dá a entender que existiram muitas mais e que o seu silêncio sobre elas é consciente e voluntário); e o critério orientador desta seleção: a **utilidade possível para os outros**.

Inácio é dotado de uma capacidade notável de auto-observação, de autoanálise e de auto-perceção. Pode olhar para dentro de si e perceber o que acontece no seu íntimo. Uma qualidade humana que será, sem dúvida, enriquecida pela graça. Ele faz uma autoanálise tão perfeita, quanto é possível a uma pessoa humana.

## Da conversão à conversação

---

O que Inácio nos delega no seu texto dos EE, não é um tratado teológico sobre a experiência de Deus – aliás, Inácio não é um teólogo no sentido estrito do termo, nem mesmo depois de ter estudado teologia em Paris; e os EE são praticamente na sua totalidade um produto anterior aos seus estudos. Quando os redige ainda é um leigo, de 29-30 anos, um cristão com uma formação corrente. O seu forte não são os estudos, mas a **experiência**. Os EE também não são um relato ou testemunho dessa mesma experiência. Quando muito, são um manual de ginástica interior (exercícios espirituais), um texto multiplicador de atitudes através das quais o ser humano se dispõe a **observar** e a **acolher** a ação irrepetível, sempre criadora, do Espírito Santo nele e na história humana – eis em que consiste a experiência.

No dia 20 de Maio de 1521, no castelo de Pamplona, a bala de canhão que lhe atinge a perna direita faz com que ele pare na sua vida e possa entrar nesse outro castelo, tão grande e desconhecido, da sua interioridade. Para matar o aborrecimento da longa convalescença, lê os livros que há na sua casa, em Loiola: *Vita Christi* e *Flos Sanctorum*, e tem início um diálogo interior que jamais terá fim. Maravilha-se com a diversidade de sentimentos e moções experimentadas; escuta uma voz interior que, às vezes, o perturba terrivelmente e, outras vezes, misteriosamente, o convida a dar uma resposta de maior generosidade. A bala de canhão, as cirurgias (“carnificinas”), a convalescença, as leituras, foram a mediação histórica de que Deus se serviu para irromper na vida de Inácio. Foi uma erupção surpresa, totalmente fora de programa, com características de um cataclismo interior rapidíssimo, de grande intensidade e profundidade. Um castelo interior (um ideal de homem) desmorona-se e dá lugar a outro edifício humano (outro ideal de homem) nunca pensado antes por Inácio, sem planos e sem pressupostos, muito à base do desejo de seguir Jesus que, doravante, ocupará toda a sua vida.

“E de muitas coisas vãs que se ofereciam, uma se apossara tanto do seu coração, que ficava logo embebido a pensar nela duas, três ou quatro horas sem se dar conta, imaginando o que havia de fazer em serviço de uma senhora, os meios que usaria para poder ir à terra onde ela estava, os motes e as palavras que lhe diria, os feitos de armas que faria ao seu serviço. E ficava tão envaidecido com isso, que não via como era impossível alcançá-lo, porque a senhora não era de vulgar nobreza: nem condessa nem duquesa, mas o seu estado era mais alto que qualquer destes.”  
(Auto, 6)

## Da conversão à conversação

---

“Contudo, nosso Senhor o socorria, fazendo com que a estes pensamentos sucedessem outros que nasciam das coisas que lia. Porque, ao ler a vida de nosso Senhor e dos santos, parava a pensar, raciocinando consigo próprio: – E se eu fizesse aquilo que fez S. Francisco e aquilo que fez S. Domingos? – E assim discorria por muitas coisas que achava boas, propondo-se sempre a si mesmo coisas difíceis e importantes, e ao fazê-lo parecia-lhe encontrar em si facilidade de as levar a cabo.” (Auto, 7)

“Notava, ainda, esta diferença: quando pensava nas coisas do mundo, sentia um grande prazer; mas quando depois de cansado as deixava, sentia-se árido e descontente. E quando pensava ir a Jerusalém, descalço e comendo só ervas, e em fazer todos os mais rigores que via que os santos tinham feito, não só sentia consolação quando estava nesses pensamentos, mas também depois de os deixar, ficava contente e alegre.” (Auto, 8)

Foi, portanto, uma comoção no mais profundo de si mesmo, não uma tempestade de superfície, iguais a tantas outras acontecidas na sua vida passada. “O irmão e alguns da casa suspeitavam que ele queria fazer alguma grande mudança. O irmão levou-o a um quarto e depois a outro, e com muitas admirações começou a pedir-lhe que não se deitasse a perder e que visse quanta esperança toda a gente depositava nele e quanto podia ajudar, e outras palavras semelhantes, todas no propósito de o afastar do bom desejo que tinha. Mas a resposta foi de tal maneira que, sem se afastar da verdade (disso tinha já uma grande exigência) se desembarçou do irmão” (Auto, 12) e “E assim, despedindo os dois criados que iam com ele, partiu sozinho na sua mula de Navarrete para Monserrate.” (Auto, 13)

Deus irrompe na sua vida, não derrubando, mas levantando. Deus não destrói, mas cria e recria, deixando ao ser humano a decisão livre de destruir por si mesmo o que, por não ser vida, deve desaparecer para deixar espaço à verdadeira vida. Deus não exige, mas oferece; não encerra, mas abre um novo horizonte de sentido e de vida. E Inácio vê cair o que ele havia construído sobre si mesmo durante os anos da juventude. Vê cair a utopia da dama dos seus sonhos que “não era de vulgar nobreza: nem condessa, nem duquesa, mas o seu estado era mais alto que qualquer destes” (Auto, 6) e vê nascer uma outra utopia, que o envolve plenamente e que não o abandonará jamais, a utopia de “para mais imitar” o Senhor.

## Da conversão à conversação

---

Neste processo de conversão, Inácio descobre Deus como um Outro. E este Outro também tem o seu projeto: projeto salvífico na História. Até então, Deus era para Inácio um seu colaborador para a realização dos seus projetos pessoais. Por isso mesmo, invoca-O de quando em quando. Por exemplo, na situação de perigo de morte, devido à fratura da sua perna, em Loiola, recorre ao Senhor para pedir saúde com o objetivo de poder executar os seus projetos. Deus era visto como Alguém que o podia ajudar na realização dos seus projetos pessoais.

Neste processo de conversão, Inácio descobre Deus como um Outro, que tem pensamentos que não são os seus, que tem caminhos que não são os seus. Inácio inicia um processo de renúncia aos seus projetos pessoais, para entrar no projeto de um Outro: o projeto de Deus para a História, para a humanidade. Este vai ser o objeto do seu discernimento ao longo de toda a sua vida: “Que nova vida é esta que agora começamos?” (Auto, 21).

Uma vez que Inácio descobre este ponto importante, dedica-lhe toda a atenção possível: toda a sua vida vai ser um longo discernimento de como entrar e como colaborar nesse projeto de Deus para a História. “O que é que Deus quer?”, “O que devo fazer?” - pergunta contínua, contínuo discernimento. Como é que se realiza o projeto de Deus agora, aqui, nesta circunstância? O fundamento desta atitude radica precisamente neste encontro com Deus como um Outro, Deus que não só não tem os meus projetos nem se vai colocar ao serviço deles, que são, enquanto só meus, restritos e até mesquinhos. Deus chama Inácio a entrar no Seu grande Projeto para a História. Por ter percebido esta verdade, Inácio passou a dar uma importância totalmente nova e central ao discernimento. Quer colocar-se todo inteiro nesse plano. Quer servir e salvar, dando tudo de si, reunir tudo o que pode, juntar pessoas que entrem nesse projeto de vida e de salvação para o homem e sua história.

A "experiência" de Inácio foi, realmente, um "sair de si próprio", "percorrendo todas as fases e sentidos possíveis desta realidade absoluta que o inundava", "adquirindo, deste modo, um conhecimento mais profundo e íntimo" de Deus e da sua própria realidade. É isso o que ele nos quer dizer quando, bem mais tarde, tenta resumir o que aconteceu naquela sua bela frase: "o que sacia e satisfaz a alma não é o muito saber, mas o sentir e saborear as coisas internamente" (EE. 2).

## Da conversão à conversação

---

É nesse momento, quando sai de si mesmo e do seu pequeno mundo, que se abre para o relacionamento e intimidade com Deus (dialogando, conversando!). É aí que aprenderá a relacionar-se, um pouco mais tarde, com as outras pessoas (dialogando, conversando!) tentando descobrir nelas o mistério daquele primeiro encontro, o do Criador com a sua criatura e o da criatura com o seu Criador. Daqui nascerá a forma tão peculiar de oração a que chama de “colóquios”: “O colóquio, propriamente, faz-se, falando, assim como um amigo fala com outro, ou um servo com o seu senhor; ora pedindo alguma graça, ora acusando-se por alguma má ação; ora comunicando as suas coisas e querendo conselho nelas.” (EE 54)

Inácio, abrindo os seus olhos para Deus, também os abre para essa sua experiência interior. Descobrirá, no mais profundo de si mesmo, dimensões até então desconhecidas e que serão iluminadas, integradas, purificadas e salvas pela presença do Senhor. Será nesse momento que a sua experiência espiritual adquirirá uma maior maturidade e que o transformará, de um basco silencioso e taciturno (por natureza e raça), num autêntico mensageiro da palavra. É a partir dessa experiência fundante de abertura para com Deus, que ele encontrará sentido para conversar e se abrir, não só com Deus, mas também com todas as pessoas que avidamente procura.

Deus revelou-se a Inácio e falou-lhe. Inácio aprenderá a revelar-se aos outros e falar-lhes-á das coisas de Deus! Inácio, como bom basco, nunca foi um conversador de palavra fácil. Por temperamento e por raça era um homem de poucas palavras. Não possuía, por natureza, a graça da conversação fácil. Conservará pelo resto da sua vida a afabilidade e a cortesia que aprendera na sua casa e no castelo de Arévalo, como pajem da rainha D. Germana de Foix, e fará um percurso lento e progressivo de comunicação e partilha espiritual.

### A primeira conversação espiritual

Tendo como referência a Autobiografia, parece que o primeiro diálogo espiritual que Inácio mantém é quando decide confessar-se com um companheiro de armas, antes de dar início à batalha, no castelo de Pamplona. Estamos no mês de maio de 1521. Inácio está com trinta anos de idade e, até então, a sua vida tinha sido mundana e desgarrada "com grande e vão desejo de ganhar honra". O que ele expressou àquele companheiro de armas só Deus o sabe. Mas não há dúvida de que

## Da conversão à conversação

---

Inácio começa a partilhar com alguém o seu mundo interior, ainda tão cheio de zonas escuras.

Após a sua conversão e durante oito meses em Loyola, a ninguém revela a sua "determinação". Vive na solidão interior.

As conversas com os de sua casa

Seu irmão Martin e os outros parentes da casa-torre, vendo as mudanças que, dentro e fora de Inácio, se operavam, começaram a preocupar-se. Diversas vezes o questionam, tentando dissuadi-lo dos seus novos e utópicos projetos. Inácio diz-nos que "o tempo que gastava com os de sua casa era conversando sobre as coisas de Deus, e com isto produzia proveito nas suas almas." (Auto 11).

Estas primeiras "conversas espirituais" de Inácio deveriam ser alguns comentários das leituras que estava a fazer ou pequenas tentativas de defesa das suas novas ideias e opções, diante dos ataques diretos de todos os membros da sua casa. Pouco ou nada entenderam acerca desse mundo que Inácio vinha descobrindo!... E assim, percebendo ele que pouco adiantavam "sem afastar-se da verdade, desembaraçou-se das insistências do irmão" (Auto, 12).

As conversas com Deus uno e trino

Na base de todas essas conversações iniciadas por Inácio, está a grande conversação que começou a manter com Deus desde o dia da sua conversão. Deus apresentou-se a ele cheio de amor e misericórdia, e falava-lhe "como um amigo fala com o seu amigo" (EE 54). O seu Diário Espiritual, mostra-nos como esses colóquios mexiam com a sua sensibilidade.

No Diário Espiritual usa um vocabulário repetitivo que fala de "lágrimas, inteligências espirituais, clareza, perda da voz, linguagem interior, consolação, paz..." etc.. Esse diálogo, uma vez iniciado, foi crescendo sempre. Inácio participa, como dom e graça, dessa perfeita intercomunicação existente na Trindade divina. Ele ora fala com o Filho, ora fala com o Pai, ora fala com toda a Santíssima Trindade. A sua oração converte-se, aos poucos, numa verdadeira conversação! Escutando Deus, Inácio aprenderá a escutar o homem. Falando com Deus e os seus santos, ele aprenderá também o devido respeito e reverência pela pessoa com quem conversa:

## Da conversão à conversação

---

"Todos tenham especial cuidado... quando falarem, na consideração e edificação de suas palavras... em tudo procurando e desejando dar vantagem aos outros, estimulando-os na sua alma todos, como se fossem os seus superiores, e, exteriormente, tendo-lhes respeito e reverência" (Monumenta Inaciana, 601-602).

Daqui para frente, Inácio terá extremo cuidado em identificar, dentro de si e dos outros, o interlocutor que dirige o convite à ação: é Deus quem fala ou é o espírito do mal disfarçado sob anjo de luz? Nas suas conversações futuras irá sempre à procura e ao encontro do "bom espírito" que pode estar por trás de todos e de tudo.

### As conversas com os outros

Foi em Montserrat, etapa inicial de sua peregrinação, que se abriu com o beneditino João Cânones, numa conversa-confissão de três dias. "Esta foi a primeira pessoa a quem descobriu sua determinação, porque, até então, a nenhum confessor a descobrira" (Auto, 17).

Não foi apenas uma confissão da sua vida passada. Isso já tinha ele feito em Loyola, na véspera de São Pedro e São Paulo, quando os médicos o informaram do seu estado de extrema gravidade (Auto, 3). Essa conversação (mistura de confissão, conta de consciência e colóquio espiritual), marca em Inácio o começo da sua **conversação espiritual** que passará, posteriormente, a uma **conversação apostólica**.

Manresa é fase de grandes lutas interiores, escrúpulos e diversidade de moções dentro de si, e sente-se perdido no meio deste reboiço. Não aguentando mais, decide romper com o seu isolamento. "Começou a buscar alguns homens espirituais que remediassem a tais escrúpulos" (Auto, 22). O curioso é que encontra poucas pessoas capazes dessas conversas espirituais e, entre elas, "uma mulher de idade avançada e também muito antiga serva de Deus"... (Auto, 21). Esta busca foi longa e intensa e, até certo ponto, meio frustrante: "Nesse tempo conversava com pessoas espirituais, que o estimavam e desejavam conversar com ele, porque embora não tivesse conhecimento de coisas espirituais, contudo ao falar mostrava muito fervor e muita vontade de progredir no serviço de Deus." (Auto, 21); "E neste tempo, havia muitos dias que ele era muito ávido de praticar sobre coisas espirituais, e de encontrar pessoas que fossem capazes delas" (Auto, 34); "Estando ainda em Barcelona, antes de embarcar, segundo o seu costume, buscava todas as pessoas

## Da conversão à conversação

---

espirituais, mesmo que estivessem em ermidas fora da cidade, para tratar com elas” de coisas espirituais (Auto, 37). “Mas nem em Barcelona nem em Manresa, durante todo o tempo que ali esteve, pôde encontrar pessoas que o ajudassem como ele desejava.” (Auto, 37) Inácio acabará por dizer que "perdeu totalmente esta ânsia de buscar pessoas espirituais" (Auto, 37) que o ajudassem a entender o que estava a acontecer.

Nesta época, a sua **conversação espiritual** tinha como objetivo o proveito pessoal. Só mais tarde, depois de perceber que algumas pessoas "o vinham procurar, em assuntos espirituais" (Auto, 26) e de perceber o "fruto que fazia no trato com as almas" (Auto, 29), é que decide tomar a iniciativa das **conversas espirituais**, que se transformaram, também, em **conversações apostólicas**. Dos desejos que tinha de encontrar pessoas espirituais para ser ajudado, passa a buscar o próximo para o ajudar espiritualmente com a sua palavra. A partir deste momento, multiplicam-se os contatos espirituais em conversações e exercícios. É caso para dizer: quanto caminho em tão pouco tempo!

*Os Exercícios Espirituais* como conversação espiritual

A conversação espiritual foi uma experiência pessoal e inesquecível de Inácio. Baseado nela, Inácio propõe um caminho para ajudar outros a realizarem também o seu próprio encontro com Deus através dos Exercícios Espirituais (EE). Inácio queria que os EE fossem um tipo de "conversação espiritual" do exercitante com Deus e do exercitante com o seu orientador. Os EE são, pois, uma conversação, onde se dá à outra pessoa o "modo e ordem para meditar ou contemplar" (EE, 2). Quanto mais se conhece o exercitante, melhor se poderá ajudá-lo neste caminho interior de encontro com Deus. A regra de ouro da conversação espiritual inaciana poderia ser resumida assim: conversar com as pessoas para levá-las, depois, ao diálogo direto com Deus ou conversar com Deus para descobrir a Sua ação nas pessoas.

As anotações dos EE são normas/diretrizes para ajudar mais e melhor a que esta conversação entre Deus, o exercitante e o orientador seja fluída. Daí o pressuposto, sem o qual o diálogo ou a conversação não é possível:

"Para que, tanto o que dá os Exercícios como o que os recebe, se ajudem e aproveitem, há-de pressupor-se que todo o bom cristão deve estar mais pronto a salvar a proposição do próximo que a condená-la." (EE 22)



## Da conversão à conversação

---

Portanto, não é suficiente "ouvir" o outro. É preciso "escutá-lo", acolhê-lo internamente na revelação das suas palavras. Inácio parece intuir que é impossível acolher Deus, se, primeiro, não somos capazes de acolher o outro. Só assim, através das conversas espirituais, será possível ajudar as pessoas a tirarem maior proveito e a fazerem maiores progressos na sua vida de relação com Deus, com os outros e com o mundo.

Curiosamente, da conversação espiritual nasce o desejo de partilhar, não somente a palavra, a experiência pessoal, mas também o teto, o pão, a vida, o convívio e a comunhão, com uma motivação eminentemente apostólica. Assim, surge a primeira comunidade, fruto da conversação espiritual: o primeiro grupo de companheiros no apostolado da palavra foi-se formando entre 1524 e 1527. São eles: Calixto de Sá, Lope de Cáceres, João de Arteaga e João Reynalde. Reuniam-se, às vezes, no quarto de Inácio, para partilhar a experiência dos EE. Todos eles queriam seguir o mesmo modo de vida de Inácio, isto é, além da pobreza e castidade, tentar ajudar os outros por meio das conversações espirituais.

O público que atendiam era variado: estudantes e frades, homens casados e mulheres devotas, casadas, solteiras e algumas até de má vida... (Monumenta Inaciana, 601-602). Este pequeno grupo de companheiros tinha mais zelo do que instrução e exercia o seu apostolado no meio de gente muito simples. Em Junho de 1527, com a viagem de Inácio para Paris, este pequeno grupo, que vivia ao modo apostólico, acabará por se desfazer.

No entanto, as conversas espirituais criam uma comunidade de "amigos no Senhor". Em Paris "começou, mais intensamente do que costumava, a entregar-se a conversações espirituais" (Auto, 77). Conversa e dá os EE aos jovens Peralta (será pregador na diocese de Toledo), Castro (far-se á cartuxo em Valência) e Amador.

Este binómio – conversações e exercícios espirituais –, fará com que Inácio encontre um meio eficaz de apostolado. O P. Polanco diz que os primeiros companheiros foram conquistados deste modo: "Todos eles (Fabro, Xavier, Laynez, Salmerón e Bobadilla, pelos **exercícios** e pelas **conversações**, vieram a aproveitar muito das coisas espirituais." ("Ajudar as almas", "Aproveitar as almas", "Proveito nas suas almas", expressões que aparecem 13 vezes na *Autobiografia*).

## Da conversão à conversação

---

Com frequência, diz-se de Inácio que foi um autodidata. E é verdade, no sentido em que não está filiado em nenhuma escola de espiritualidade particular nem depende de nenhum mestre espiritual concreto. O seu mestre foi o Espírito Santo: “Neste tempo, Deus tratava-o como um mestre-escola trata uma criança, ensinando-o.” (Auto, 27); a sua escola, foi a escola da vida (o estudo e a teorização virão depois); a sua arte, observar e examinar tudo o que se passava no seu interior; o seu método, anotar “algumas coisas que observava na sua alma e achava que eram úteis, parecia-lhe que também poderiam ser úteis a outros.” (Auto, 99); a sua genialidade, em deixar-nos não um tratado de teologia espiritual, não uma narração da sua própria experiência, mas uma série de exercícios para serem praticados. “Pois os Exercícios Espirituais são o que de melhor na vida eu posso imaginar, sentir ou pensar, quer para o aproveitamento pessoal, quer para a fecundidade apostólica na ajuda a tantas outras pessoas”, escrevia Inácio a 16 Novembro de 1536. É a chamada “mística da ação” com que se caracterizou a dimensão apostólica de Inácio. É a “ação pelos outros, para os outros e com os outros” que levará Inácio a escrever a fórmula “o amor deve-se colocar mais nas obras do que nas palavras” (EE 230) – não diz “só” nas obras porque as palavras também podem ser obras – e que será uma das notas distintivas da espiritualidade dos EE e da espiritualidade inaciana.